



Rede São Paulo de

Formação Docente

Cursos de Especialização para o quadro do Magistério da SEESP
Ensino Fundamental II e Ensino Médio

São Paulo
2011



UNESP – Universidade Estadual Paulista
Pró-Reitoria de Pós-Graduação
Rua Quirino de Andrade, 215
CEP 01049-010 – São Paulo – SP
Tel.: (11) 5627-0561
www.unesp.br



Governo do Estado de São Paulo
Secretaria de Estado da Educação
Coordenadoria de Estudos e Normas Pedagógicas
Gabinete da Coordenadora
Praça da República, 53
CEP 01045-903 – Centro – São Paulo – SP



**SECRETARIA
DA EDUCAÇÃO**



A crise do mundo árabe



Sumário

Vídeo da Semana	3
A crise do mundo árabe	3
Um início de conversa	3
5.1 – A formação do mundo árabe	4
5.2 – Tabuleiro político atual	6
O Saladino dos tempos modernos	8
Bibliografia	10

Vídeo da Semana



A crise do mundo árabe

Um início de conversa

Os Estados Árabes modernos se formaram em territórios que estiveram sob domínio dos turcos otomanos, desde o século XVI até o final da Primeira Guerra Mundial, e das potências europeias, em especial a Grã-Bretanha e a França, até meados do século XX. O surgimento do Estado de Israel, na Palestina sob mandato britânico, reforçou as correntes nacionalistas árabes e alterou de modo profundo o quadro geopolítico regional. Nessa aula, vamos abordar esse processo de formação e os seus desdobramentos.

3

5.1 – A formação do mundo árabe

O profeta Maomé unificou quase todas as tribos existentes na Península Arábica em torno do monoteísmo islâmico. Após a morte do profeta, ocorrida em 632, seus sucessores criaram um vasto império: em 750, ele já estendia pelo Oriente Médio pelo Norte da África, difundindo a cultura e a língua árabe, e avançava na direção da península indiana e do Afeganistão. Assim, surgiu um mundo árabe que abrange o Oriente Médio até os limites da Pérsia (atual Irã) e a África do Norte.

No século IX, muitos povos turcos na Ásia Central já haviam se convertido ao islamismo. No século XI, esses turcos islamizados ocuparam a Península da Anatólia, na Ásia Menor, unificando os vários principados da região sob seu poder. No início do século XIV, um líder militar turco da Anatólia fundou a dinastia otomana, sob a qual os turcos anexaram vastas extensões do Império Bizantino, se expandiram na direção da península balcânica, convertendo ao Islã populações sérvias, croatas, macedônias, albanesas e búlgaras. Durante o longo período de hegemonia do império Turco-Otomano, o centro político do Islã deslocou-se para Istambul (a antiga Constantinopla).

O império Turco-Otomano entrou em decadência no século XIX, em grande parte devido a ingerência das potências europeias. De acordo com o geógrafo Edilson Adão C. Silva:

O transcorrer no século XIX é marcado pela degeneração do Império Otomano. Muito contribuiu para isso a influência que adquiriram os estrangeiros europeus na vida econômica do Estado turco. Dentre os estrangeiros, foi a França quem primeiro chegou, presente na orla comercial otomana desde o século XVI. No século XIX, contudo, outras nações europeias vieram gozar, junto ao Império, de privilegiados acordos comerciais, em detrimento turco: Grã Bretanha, Reino Austro-Húngaro, Alemanha, Itália, Rússia. Através de tratados, acordos comerciais desfavoráveis, concessões, o Império Turco ia sendo gradativamente subjugado, num ritmo simultâneo ao da cobiça imperialista que irrompia naquele instante, selando assim o destino daquela porção do globo (SILVA, 2003, p. 81).

Nesse contexto, os territórios africanos do Império Otomano foram sendo sucessivamente ocupado pelas potências europeias. A Argélia foi anexada pela França em 1830; a

Tunísia e o Marrocos se tornaram protetorados franceses, respectivamente, em 1881 e 191. Em 1912, a Itália ocupou a Líbia.

A crise final do Império Otomano foi desencadeada no contexto da Primeira Guerra Mundial (1914-1918). Por meio do tratado Sykes-Picot, negociado secretamente e concluído em 1916, França e Inglaterra dividiram a região que atualmente corresponde à Síria, ao Iraque, ao Líbano e à Palestina em áreas administrativas: Síria e o Líbano foram transferidos para controle francês, enquanto o Iraque, a Transjordânia (atual Jordânia) e a Palestina passaram a controle britânico. Observe o mapa:



Figura 8 – Acordo Sykes-Picot¹ (BBC BRASIL, 2001).

Em 1917, ministro das relações exteriores da Grã-Bretanha, Arthur James Balfour, declarou que seu governo apoiava a ideia de estabelecer um lar nacional judeu na Palestina. A “Declaração Balfour” pode ser interpretada como início do processo que daria origem à criação do Estado de Israel pois, desde o final do século XIX, o movimento sionista, surgido na Europa como expressão do nacionalismo judaico, já incentivava a migração judaica para a Palestina, então parte do império Otomano.

1. O documento recebeu o nome de seus negociadores, o britânico Mark Sykes e o francês Georges Picot.

5

Com o encerramento da Primeira Guerra Mundial, o Império Otomano desapareceu, dando lugar à república laica da Turquia. Os territórios otomanos no norte da África foram repartidos e colonizados, enquanto aqueles do Oriente Médio passaram a ser administrados pela França e pela Grã-Bretanha na forma de mandatos, reconhecidos pela Liga das Nações em 1922. Os estados árabes contemporâneos surgiram quando esses territórios se tornaram estados independentes.

5.2 – Tabuleiro político atual

As correntes nacionalistas árabes surgiram no contexto da crise do Império Otomano, ainda no século XIX, e ganharam um enorme impulso com a eclosão da Primeira Guerra Mundial, quando elites regionais passaram a combater o esquema de dominação imperial. Desde a década de 1920, a luta nacional árabe voltou-se contra o imperialismo francês e britânico, e principalmente, contra a colonização sionista da Palestina.

Na Tunísia, por exemplo, o partido nacionalista Destur (Partido da Constituição), pioneiro na luta pela independência, surgiu em 1920. Na década seguinte, seria substituído pelo Neo-Destur, comandado pelo advogado Habib Burguiba, que preconizava o boicote aos produtos franceses e o não pagamento de impostos às autoridades coloniais. Na Palestina, os conflitos entre as populações árabes e os imigrantes judeus explodiram na década de 1930. No Egito, a Irmandade Muçulmana, organização religiosa fundada em 1929, protestava contra o colonialismo, pregava a autoridade exclusiva do Corão e a propunha a abolição de todas as instituições implantadas pelo Ocidente.

No contexto da Segunda Guerra Mundial (1939-1945), a ideia da unidade árabe e a sua consequência – o nacionalismo pan-arabista – passou a ganhar força na região. A Liga Árabe, fundada em 1945, pela Síria, Egito, Líbano, Transjordânia, Iraque, Arábia Saudita e Iêmen buscou unir todos os países árabes em um “pacto de solidariedade” na luta contra a ocupação estrangeira.

Entretanto, em 1947, a ONU aprovou um plano de partilha da Palestina, prevendo a criação de um Estado judeu e um Estado árabe. Em 1948, quando se completou a retirada das tropas britânicas, os palestinos, apoiados pela Liga Árabe, entraram em guerra contra recém criado Estado de Israel. Com a derrota árabe, Israel ampliou seu território e os territórios re-

servados ao Estado árabe dos palestinos foram colocadas sob controle da Jordânia e do Egito. Veja os mapas no *link* abaixo:

<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u400289.shtml>



O nacionalismo pan-árabe encontrou seu apogeu na década de 1950, sob a liderança do coronel egípcio Gamal Abdel Nasser.

O Egito, formalmente independente desde 1922, mantinha um tratado com a Grã Bretanha que autoriza os ingleses a ocupar todo o território do país em caso de guerra ou de tensão internacional. Como resultado, quando terminou a Segunda Guerra Mundial, 80 mil soldados britânicos estavam estacionados no país, então governado pelo rei Faruk. Questionando a presença inglesa e os termos do armistício assinado com Israel, o coronel Nasser liderou o Movimento dos Oficiais Livres, que exigia a completa libertação do Egito.

A monarquia egípcia foi derrubada em 1952, e Nasser assumiu o poder buscando neutralizar a influência britânica e modernizar a economia egípcia. Em 1956, nacionalizou o Canal de Suez, controlado por acionistas franceses e britânicos, além de firmar acordos de cooperação econômica e militar com a antiga União Soviética. Em 1958, um acordo entre o Egito e a Síria, fez surgir o primeiro Estado pan-árabe, a República Árabe Unida (RAU) com capital no Cairo. Em 1961, porém, um golpe de Estado na Síria dissolveria a efêmera república. Leia mais sobre o governo de Nasser no box:

O Saladino dos tempos modernos

Em 23 de junho de 1956, Gamal Abdel Nasser foi eleito presidente do Egito com 99,84% dos votos, aos 37 anos. Até 1970, data de sua morte, manteve-se no poder com uma política econômica que o identificou com a revolução nacional, cujas palavras de ordem eram a reforma agrária e o desenvolvimento industrial.

Uma primeira reforma foi iniciada em setembro de 1952. Até então, 280 proprietários dividiam aproximadamente 600 mil feddans (a unidade de medida agrária do Egito, equivalente a cerca de 4.200 m²), enquanto mais de 2 milhões de camponeses não tinham mais que 2 feddans. A partir de então, as propriedades passaram a ser limitadas em 200 feddans por pessoa e 300 por família. Essa reforma foi complementada, em 1961, por uma nova medida que restringiu as propriedades a 100 feddans.

Da mesma forma, Nasser, que publicou em 1953 um texto intitulado Filosofia da revolução, empreendeu, em janeiro de 1957, uma egipcianização de setores dos bancos, de seguros e de empresas estrangeiras de importação e exportação. Uma nova etapa foi concluída em 1960, quando foram nacionalizados os grupos bancários, principalmente o poderoso Msir, que detinha 75% dos depósitos. Essas nacionalizações deviam, segundo o raís, permitir a criação de 1 milhão de empregos.

No plano internacional, Nasser pregou, desde 1955, um “neutralismo positivo” diante dos blocos soviético e ocidental, reafirmado-o em abril daquele ano na conferência de Bandung, na Indonésia, onde, ao lado do chinês Zhou Enlai e do indiano Nehru, ele lançou as bases do movimento dos países não alinhados. Essa política lhe permitiu se tornar, rapidamente, o chefe carismático, e até ídolo, do mundo árabe. Conheceria seu apogeu com o caso do canal de Suez.

Em junho de 1956, Washington voltou atrás em sua promessa de financiar a barragem de Assuã. Como represália, Nasser nacionalizou a Companhia do Canal, uma decisão que provocou primeiro a ira de Londres e Paris, depois o desembarque de tropas estrangeiras em Suez, em novembro – os últimos soldados britânicos tinham deixado o país em junho –, com apoio de Israel. Diante das pressões americanas e soviéticas, a operação europeia fracassou e acabou transformando Nasser em herói do mundo árabe.

Fonte: ([LEBEAU, 2011](#)).

A guinada egípcia inspirou diversos movimentos nacionalistas no mundo árabe.

A Líbia teve sua independência reconhecida pela ONU em 1952, quando o emir Sayyid Idris al-Sanusi foi coroado rei Idris I, e ingressou na Liga Árabe no ano seguinte. Porém, estadunidenses e ingleses foram autorizados a manter tropas no país, e a presença estrangeira se tornou mais significativa depois de 1959, quando a companhia estadunidense Esso descobriu vários campos de petróleo em território líbio. Em 1969, um grupo de oficiais nacionalistas derrubou a monarquia. No ano seguinte, quando o jovem coronel Muamar Kadafi assumiu o poder, teve início a expulsão das tropas estrangeiras e a nacionalização dos recursos petrolíferos. Sobre o regime de Kadafi, leia o texto seguinte:

Em 1977, Kadafi instituiu o “Estado das Massas” (Jamahiriya), regime no qual o poder seria (real ou supostamente) exercido por meio de milhares de comitês populares”. O livro verde de Kadafi, chamado também de “Base política da terceira teoria universal, foi seu sustento ideológico. Apesar dos “comitês”, o poder se apoiava de fato em um partido único, a União Socialista Árabe, totalmente controlado por Kadafi (COGGIOLA, 2011, p. 36).

Na Tunísia, a independência foi proclamada em 1956. No ano seguinte, Habib Bourguiba, antigo militante do Neo-Destur, foi proclamado primeiro presidente da República, cargo no qual permaneceu até 1987.

A Argélia, por sua vez, travou uma longa e dramática guerra de independência contra a França, que se prolongou entre 1954 e 1962, quando a Frente de Libertação Nacional (FLN) assumiu o poder e se tornou, até 1988, o único partido legalmente estabelecido no país.

A independência da Argélia encerrou o ciclo de levantes nacionalistas que teve lugar no norte da África entre as décadas de 1950 e 1960. Desde então, muita coisa mudou.

Sob o comando de Anwar Sadat, sucessor de Nasser, o Egito foi o primeiro país árabe a reconhecer diplomaticamente o Estado de Israel, em 1979. Assassinado em 1981 por um membro da Irmandade Muçulmana, Sadat foi sucedido por Hosni Mubarak, que tornou o país um forte aliado dos Estados Unidos e permaneceu quase trinta anos no poder. Na Tunísia, Bourguiba foi afastado do poder pelo seu primeiro ministro, o general Zina El Abidine Ben Ali.

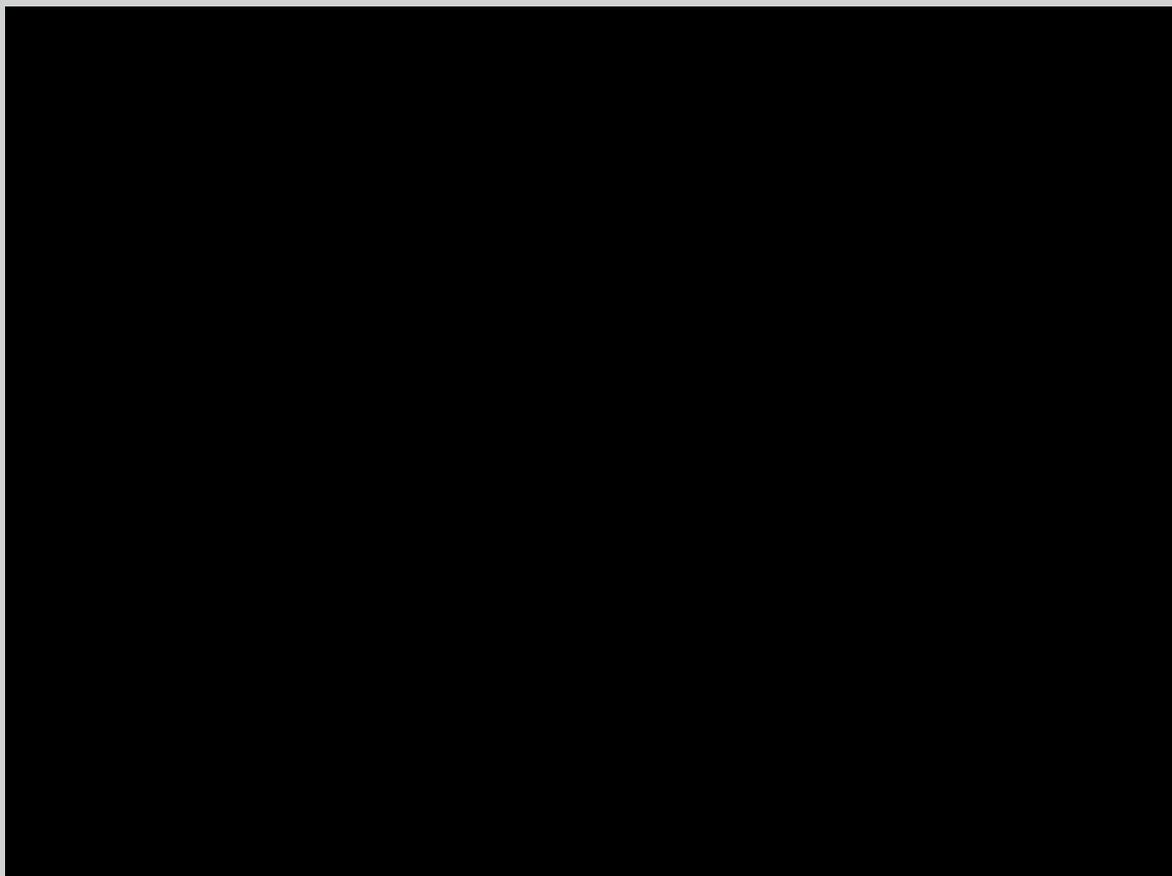
E foi na Tunísia, que em dezembro de 2010, o jovem vendedor ambulante Mohamed Bouazizi ateou fogo ao seu próprio corpo, em protesto contra a truculência policial, e abriu um novo ciclo de revoltas e esperanças no mundo árabe.

Bibliografia

- ARBEX JUNIOR, José. **Islã, um enigma de nossa época**. São Paulo: Moderna, 1996.
- BBC BRASIL. **Israel e os Palestinos**: mapas. Especial 2001 [online]. Disponível em: <http://www.bbc.co.uk/portuguese/especial/2001/meast_maps/1.shtml>. Acesso em: 01 jul. 2011.
- COGGIOLA, Osvaldo. Líbia: do nacionalismo à autocracia. **História Viva**, São Paulo, v. 8, n. 91, p. 39, maio 2011.
- FOLHA ONLINE. **Guerras definiram formação do Estado de Israel**. Caderno mundo, 9 maio 2008 [online]. Disponível em: <<http://www1.folha.uol.com.br/folha/mundo/ult94u400289.shtml>>. Acesso em: 01 jul. 2011.
- HOURANI, Albert. **Uma história dos povos árabes**. São Paulo: Cia das Letras, 2004.
- LACOSTE, Yves. **A geopolítica do mediterrâneo**. Lisboa: Edições 1970, 2006.
- LEBEAU, Richard. O grande herói do nacionalismo árabe. **História Viva**, São Paulo, v. 8, n. 88, fev. 2011. Disponível em: <http://www2.uol.com.br/historiaviva/reportagens/nasser_egito_biografia_5.html>. Acesso em: 01 jul. 2011.
- MEMMI, Albert. **Retrato do descolonizado árabe-muçulmano e de alguns outros**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2007.
- SILVA, Edilson Adão da. **O Oriente Médio**: a gênese das fronteiras. São Paulo: Zouk, 2003. p. 81.
- SMITH, Dan. **O atlas do oriente médio**: o mapeamento completo de todos os conflitos. São Paulo: Publifolha, 2008.

Ficha da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação



Eduardo Augusto Werneck Ribeiro



Regina Celia Correa de Araujo



Raul Borges Guimarães



Ementa:

A preocupação central desta disciplina é de analisar o contexto histórico-geográfico que originou e estruturou a hegemonia americana, considerando a relação econômico-financeira e político-militar dos Estados Unidos com os países latino-americanos, europeus, asiáticos e africanos. Em vista dos conflitos regionais, movimentos migratórios internacionais e o aumento da desigualdade regional, os alunos serão desafiados a avaliar diferentes processos que impactam o sistema político internacional.

Palavras chaves:

Ordem Mundial, Hegemonia, Estado, Nação e Poder.

Estrutura da Disciplina

Ordem geopolítica mundial - atores e escalas de ação	1. Estado, Estado-territorial e Estado Nacional	1.1 – Poder, território e Estado
	2. Relações estratégicas internacionais e a estruturação da ordem mundial	1.2 – A geografia política clássica alemã
		2.1 – A geopolítica no mundo entre guerras
	3. A (des)ordem mundial	2.2 – Hegemonia americana e repartição do poder mundial
		3.1 – Guerra Fria e bipolaridade
	4. Novos atores e escalas de ação	3.2 – A crise da ordem mundial
		4.1– A agenda ambiental
	5. A crise do mundo árabe	4.2 – A força dos jovens
		5.1 – A formação do mundo árabe
		5.2 – Tabuleiro político atual

Pró-Reitora de Pós-graduação

Marilza Vieira Cunha Rudge

Equipe Coordenadora

Ana Maria Martins da Costa Santos

Coordenadora Pedagógica

Cláudio José de França e Silva

Rogério Luiz Buccelli

Coordenadores dos Cursos

Arte: Rejane Galvão Coutinho (IA/Unesp)

Filosofia: Lúcio Lourenço Prado (FFC/Marília)

Geografia: Raul Borges Guimarães (FCT/Presidente Prudente)

Antônio Cezar Leal (FCT/Presidente Prudente) - *sub-coordenador*

Inglês: Mariangela Braga Norte (FFC/Marília)

Química: Olga Maria Mascarenhas de Faria Oliveira (IQ Araraquara)

Equipe Técnica - Sistema de Controle Acadêmico

Ari Araldo Xavier de Camargo

Valentim Aparecido Paris

Rosemar Rosa de Carvalho Brena

Secretaria/Administração

Márcio Antônio Teixeira de Carvalho

NEaD – Núcleo de Educação a Distância

(equipe Redefor)

Klaus Schlünzen Junior

Coordenador Geral

Tecnologia e Infraestrutura

Pierre Archag Iskenderian

Coordenador de Grupo

André Luís Rodrigues Ferreira

Guilherme de Andrade Lemeszenski

Marcos Roberto Greiner

Pedro Cássio Bissetti

Rodolfo Mac Kay Martinez Parente

Produção, veiculação e Gestão de material

Elisandra André Maranhe

João Castro Barbosa de Souza

Lia Tiemi Hiratomi

Liliam Lungarezi de Oliveira

Marcos Leonel de Souza

Pamela Gouveia

Rafael Canoletti

Valter Rodrigues da Silva